

Além da opinião: uma questão de investigação para a historicização da Terapia Ocupacional

JÔ BENETTON

“Mas aconteceu com bastante freqüência na História o mundo de um povo inteiro ser arrasado, os muros da cidade demolidos, os homens assassinados e a população restante vendida como escrava, e só os séculos dos tempos modernos não quiseram mais acreditar que isso pudesse acontecer. Sempre se soube, de maneira mais ou menos expressa, que isso representa um dos poucos pecados mortais da coisa política.”

Hannah Arendt

Não é por acaso que inicio com Hannah Arendt, não é preciso crer que tudo é possível? O propósito de escrever está em duas outras frases dela: (muitos) “Acreditam que livros podem funcionar como armas e que se pode lutar com palavras.” e “A compreensão começa no nascimento e termina com a morte.”

Como ela, uso os “muitos” e, no caso, muitos terapeutas ocupacionais, que acreditam que a imposição de idéias através das palavras e do falar de coisas que não se compreende, pode desfazer o que foi fato.

Isto é pura violência, própria apenas para armas e lutas. Com palavras usadas como armas e lutas (muitos) terapeutas ocupacionais violentaram a história da Terapia Ocupacional. Violentaram o que não podem compreender, porque ela ainda não está aí. A história da Terapia Ocupacional não está escrita. O que está, sim, é copiada da história da Medicina e de forma passiva. Para

Marc Bloch esta não é maneira de fazer ciência, isto é, passivamente, sem compreender.

O que temos até agora da história da Terapia Ocupacional são erros históricos, como aponta o próprio Marc Bloch: “um imperialismo dos documentos”, “o absoluto de uma classificação hierárquica” e “um determinismo geográfico”.

Depois de muita pesquisa, tenho sobre ela, ou dela, apenas partes factuais, análises parciais e informações preciosas.

Fui uma crédula de que a origem da Terapia Ocupacional estava no “*Traité medico-philosophique sur l’aliénation mentale ou la manie*”, de 1800, até descobrir que na segunda edição, de 1802, a referência ao trabalho como indicação terapêutica a alienados já não existia mais. O fato é que na França, em 1836, um texto de Scipion Pinel é que estabelece o trabalho como experiência nos asilos públicos. Ele afirma: “(...) a única garantia da manutenção da saúde, dos bons costumes e da ordem é a lei de um trabalho mecânico rigorosamente executado”.

Por um lado, como alguém pode se equivocar de forma a considerar que uma frase ou um período, em alguma obra, pode determinar uma inscrição profissional? E, por outro, o que ocorreu? Por que será que ele retirou essa referência?

A primeira resposta é que acreditei num equivoco histórico repercutido até hoje na Academia. E hoje sei que o senhor Pinel não estava muito interessado em saber o que fazer

com ou pelo louco, mas sim com a loucura, e mesmo assim como objeto da política, sendo esta última o seu maior interesse. Tenho uma exaustiva compilação de referências ao uso de trabalho e ocupação nas obras de história da Psiquiatria e que estão disponíveis no *ceto*. Talvez sejam importantes na Academia porque, para mim, sei que a Terapia Ocupacional não foi criada nesses tempos, o que foi criada foi a Psiquiatria, e dentro do paradigma da Medicina, que considero não ser o nosso. Voltarei a este tópico mais adiante.

Quando a Terapia Ocupacional se confunde com a Psiquiatria há, sobretudo e pelo menos, um descuido histórico do ofício de historiador. Para Marc Bloch: "Em vão o positivismo pretendeu eliminar da ciência a idéia de causa." A questão é que cabe ao cientista, quando pergunta "por que?", aceitar que a resposta não é simples, de causa e efeito, ou para encontrar a culpa ou o mérito.

O mesmo acontece com o "porque", que implica em análise e compreensão, determinando assim a participação direta do historiador, desde que este aceite que "os fatos históricos são, por essência, fatos psicológicos" e "é em outros fatos psicológicos que encontramos os antecedentes daqueles que pesquisamos", como afirma Bloch.

Por outro lado, depois de muitos "nãos" para definir a "História", Marc Bloch concluiu que ela seria talvez a ciência dos homens no seu tempo.

Quando os historiadores americanos da Terapia Ocupacional colocam que Eleanor Clarke Slagle era uma mulher do seu tempo, do que estão falando? Para mim, seguramente, de certas condições sociais e mentais, e de seus efeitos morais.

Quando descrevem sua personalidade e seu caráter forte e autoritário, será que esses mesmos historiadores investigaram o seu verdadeiro lugar na história? Penso que não. Vamos lançar o olhar sobre apenas um fato, por exemplo, uma

constante e consciente lutadora pela causa da Terapia Ocupacional, foi sempre vice-presidente da AOTA, deixando para o psiquiatra Rush o lugar de primeiro. Se ela foi, e acredito que sim, uma personalidade tão marcante e tão dedicada a nossa causa, tendo ainda consciência de ser uma mulher do seu tempo, pergunto aqui se Rush foi para ela apenas um personagem muito em voga no nosso país nos dias de hoje, simplesmente um "laranja"?

Vejam isto de outra forma: se de fato foram importantes as concepções teóricas dele, nas que ela nos legou, "por que" nelas não encontramos qualquer referência aos pressupostos de Rush sobre o tratamento de sintomas ou a terapia ocupacional aplicada através ou em função da classificação diagnóstica das doenças mentais?

Em termos históricos, pela classificação hierárquica, devemos considerar o presidente da AOTA, na construção da Terapia Ocupacional, mais importante que a sua vice?

A obsessão pela origem e o determinismo geográfico talvez sejam responsáveis pela colocação de Adolph Meyer na história da Terapia Ocupacional. Um século e tanto depois da Psiquiatria Humanista, Meyer chega aos Estados Unidos como o psiquiatra portador dessa ideologia. Como se lá não encontrasse uma outra civilização, com características próprias e peculiares, disseminou, da mesma forma que ocorreu com os escritos de Pinel, essas idéias e os ideais. Será isso possível? Como isso ocorreu numa civilização que se desenvolvia se não à parte, ao lado de um desenvolvimento político-governamental? Fato social este desconhecido até então no Velho Mundo.

Retomo Bloch: "Seja na presença de um fenômeno do mundo físico ou de um fato social, as reações humanas nada têm de movimento de relojoaria, sempre se engrenando no mesmo

sentido." Bem, então, em que sentido, ou melhor, que análise existe da repercussão das idéias humanistas nos Estados Unidos? E mais importante ainda, é saber **como** e **por que** o trabalho, com certeza escravo, ou a ocupação para simplesmente ocupar, instrumento de tratamento de alienados, foi substituído por Slagle pela "mudança de hábitos"?

Qual foi então, a real influência do professor Meyer na pupila Slagle?

Para começar a estudar a história da Terapia Ocupacional é preciso pensar nela por dentro dela mesma.

Discute-se se ela é ciência ou não.

Recorro a Isabelle Stengers, séria estudiosa da Ciência e releitora criteriosa de autores da Filosofia da Ciência, que abre a todo estudioso um espaço precioso de construção.

Levando em consideração a singularidade das práticas científicas modernas, ela considera pôr a prova, por terceiros, as práticas por nós inventadas, tornando assim nossas opiniões vulneráveis em relação a algo não redutível a uma outra opinião. Isto significa, para mim, em primeiro lugar, que mais importante que definir uma profissão ou disciplina como ciência é inventar práticas que possam ser colocadas em julgamento por terceiros e isto é, sem dúvida, da ordem do estudioso e não da matéria estudada. Em segundo lugar, uma pergunta: como os terapeutas ocupacionais estudam suas práticas?

Ouve-se por aí que as Terapias Ocupacionais são muitas e que estão se criando novos paradigmas... Para mim isto, no mínimo, causa estranheza.

Sobre a questão de uma disciplina ser ou não ciência, Bloch considera que nossos bisavós, por volta de 1800, gostavam de dissertar gravemente a esse respeito. Passando pelo positivismo (Arte

contra ciência, forma contra fundo), é preciso considerar, hoje, o reconhecimento de que os fatos humanos são, por essência, fenômenos muito delicados, entre os quais muitos escapam a medidas. Dessa forma, não seria mais adequado para a Terapia Ocupacional que o pesquisador seja um sério observador e compenetrado roteirista das condições humanas de intervenções, na ocorrência de uma terapia ocupacional?

Quanto "à invenção de um novo paradigma ou uma mudança de paradigma para uma determinada disciplina ou nova profissão, ou um novo grupo de técnicas, obrigatoriamente terão que partir da proposição de *práticas* dinâmicas vulneráveis a análise e críticas e não somente a uma outra opinião" Stengers.

O grifo sobre o termo *práticas* é meu, pois trata-se aqui de pensar as ciências teórico-experimentais. Foi em função dessas ciências que Kuhn introduziu o termo paradigma.

Retorno a Stengers: "As virtudes de Kuhn estão principalmente no centro da autonomia das comunidades científicas e a 'impossibilidade de reduzir o paradigma a uma leitura psicológica ou sociológica qualquer'. O paradigma não pode ser interpretado como uma decisão 'puramente humana', assim como nenhuma regra ou doutrinação poderá eliminar a diferença entre uma ciência para a qual 'aconteceu um paradigma' e outra para qual isto não se deu."

Se o paradigma não é simplesmente uma forma de ver as coisas, de interrogar ou interpretar resultados, é por que ele é da ordem da prática e nunca poderá ser de uma decisão, opinião ou vontade de um grupo de cientistas.

Há ainda a questão da mudança de paradigma, que implica diretamente no reconhecimento de uma prática anterior, na proposição de alterações das práticas no presente e a perspectiva de suas aplicações futuras. Será que é assim que tem

ocorrido em relação à Terapia Ocupacional? Será que os estudiosos das “várias Terapias Ocupacionais” e mesmo os das “mudanças de paradigmas” levam em consideração as proposições de Kuhn e dos novos estudiosos da Filosofia e da História das Ciências?

Para avançar, é possível pensar em termos paradigmáticos na Terapia Ocupacional, uma vez que o próprio Kuhn se refere a profissões não-paradigmáticas?

Bem, penso que sim, aliás, começamos bem, a terapia ocupacional (letra minúscula) é uma prática assentada na história e na cultura, que repercutia que fazer algo era bom, salutar e afastava maus espíritos.

Essa prática laica é a responsável por um primeiro emprego de trabalhos e ocupações como forma de intervenção médica no século XIX.

O primeiro paradigma aí está, o de uma medicina humanista, na qual o trabalho curava e libertava. Mas como dizer dessa prática de terapia ocupacional se a Terapia Ocupacional não existia? Eram práticas denominadas de laborterapia, praxiterapia, tratamento moral. Uma prática, sem dúvida, como descrita por todos os historiadores, determinada pelo valor do produto.

Tanto o homem como sua produção tinham como finalidade um produto de manufatura ou mesmo de retorno ao ser produtor, fonte única de “re-inserção” social ou, melhor dizendo, na comunidade. Resquícios disso vemos até hoje nas instituições do interior do país, onde os programas terapêuticos insistem em ser agrícolas mesmo para aqueles traumatizados pela fome das comunidades rurais empobrecidas.

Entretanto, com o avanço da Psiquiatria, disciplina onde essa prática ocorria até o século XX, ela, prática, também avançou e, mesmo com a criação da Terapia Ocupacional, muitos profissionais, tanto médicos como terapeutas

ocupacionais, são delas adeptos. Isto não significa uma prática consistente e passível de mudança?

Meu cuidado com a origem da profissão, no início do século XX, sempre esteve ligado às condições sócio-político-econômicas dos Estados Unidos, à participação da comunidade americana em projetos sociais e também tanto na personalidade como nas práticas de Eleanor Clarke Slagle. Temos aí, então, em termos históricos: as condições, a personagem e os feitos. Em termos paradigmáticos, uma prática anterior, uma proposição de práticas presentes e um legado, além delas mesmas, também de pressupostos conceituais. Com isto tudo o paradigma da Terapia Ocupacional não é passível de mudança?

Da mesma forma que anteriormente, penso que sim. E assim foi!

O grande movimento provocado pelas Grandes Guerras no mundo não deixou de provocar na Saúde a normatização proposta para todas as áreas humanas depois dessas duas ocorrências. Foi promovido pela instituição normativa criada por ser do seu tempo, a OMS, o terceiro paradigma que nos diz respeito. Será que foi criado? Talvez não! Pode ser, mas há indícios de que a partir da Psiquiatria e da Terapia Ocupacional o conceito de Reabilitação começou a tomar forma. Temos, então, uma mudança, e pode ser considerada de paradigma? É provável, uma vez que uma proposição prática teve tanta força que até agora, com novas qualificações para o termo Reabilitação, suas práticas são disseminadas pelo globo terrestre.

Se considerada como paradigma, a Reabilitação, seu fundamento conceitual e o da volta a ser... nasceu tanto da demanda dos militares como das perspectivas médicas de que os doentes e mutilados das Guerras voltariam a ser o que haviam sido. Esta é perspectiva para a prática até hoje em Reabilitação.

Podemos então afirmar que existem três Paradigmas que interferem na construção da Profissão Terapia Ocupacional? Creio que sim. Em termos de temporalidade, o primeiro é o Paradigma da Medicina do século XIX, o segundo o da primeira metade do século XX, o Paradigma da Terapia Ocupacional, e o terceiro o Paradigma da Reabilitação. Quanto à importância de cada um deles na construção da profissão hoje, depende muito mais das práticas desenvolvidas e das correspondentes teorias das técnicas elaboradas do que de um autor ou de um grupo de profissionais alienados dessas práticas, sejam eles engajados politicamente ou em pesquisas de laboratório. E, quanto a mim, tenho na afirmativa de Mattingly (1991), "O modelo médico, com seu foco no corpo físico, não traz à luz o raciocínio clínico da terapia ocupacional", a manutenção da escolha pelo estudo da terapia ocupacional praticada através do seu próprio paradigma. Ressalto ainda que considero toda e qualquer profissão em constante construção e evolução, assim como o Homem.

Será que podemos considerar que essa construção se deu e se dá mais pelo desenvolvimento e proliferação das práticas, incluindo nelas técnicas, procedimentos, métodos e suas correspondentes teorias, do que pela proliferação de paradigmas?

A resposta definitiva a esta questão, para mim, é do próprio Kuhn, o pai de idéia (1970): "Quando um cientista pode considerar um paradigma como certo, não tem necessidade, nos seus trabalhos mais importantes, de construir seu campo de estudos começando pelos primeiros princípios e justificando o uso de cada conceito introduzido."

Então, que função tem a criação de paradigmas, ou mesmo as mudanças, se em geral os terapeutas ocupacionais não conseguem responder o porquê e o como se faz? E o pior: não se tem o porquê se fez!

Referências bibliográficas

- ARENDE, H. *A Dignidade da Política* – ensaios e conferências. Relume-Dumará, Rio de Janeiro, 2001.
- O que é Política?* Bertrand Brasil, Rio de Janeiro, 2004.
- BENETTON, J., E VARELA, R.B. Eleanor Clarke Slagle. *Revista ceto*; ano 6, n.6, São Paulo, 2001.
- BLOCH, M. *Apologia da História ou o ofício de historiador*. Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 2002.
- KUHN, T., S. *A Estrutura das Revoluções Científicas*. Perspectiva, São Paulo, 2003.
- MATTINGLY, C. What is Clinical reasoning. *American Journal of Occupational Therapy*, v. 45, 1991.
- MEYER, A. *The collected papers of a Meyer*. E.E. Winter ed. Baltimore, John Hopkins press, 1931, 1ª ed.II.
- PINEL, P. *Traité médico-philosophique sur l'aliénation mentale ou la manie*. Paris, Richard, Caille et Ravier, an IX (nov 1800).
- Nosographie philosophique ou la méthode de analyse appliquée à la médecine*. Paris, Maradon, an VI, 2 tomes.
- PINEL, S. *Plan programme pour la thérapeutique par le travail*. Salpêtrière et Bicêtre, Arquivos Sainte Anne, Paris, 1836.
- SLAGLE, E. C. *Treinando ajudantes para pacientes com deficiência mental*. *Revista ceto*; ano 8, n.8, São Paulo, 2003.
- STENGERS, I. *A Invenção das Ciências Modernas*. Editora 34, São Paulo, 2002.